



Marcos Jank: três anos passados a limpo

O presidente da Unica recebe a IDEANews no escritório da entidade, em São Paulo. Na pauta da conversa, as conquistas, os projetos, o dia-a-dia e os motivos da agenda lotada e dos cabelos brancos

Marcos Sawaya Jank

Cargo

Presidente da Unica (União da Indústria da Cana-de-açúcar)

Idade

47 anos

Formação

Engenheiro Agrônomo, pela Esalq/USP. Nas áreas de Economia Agrícola e Comércio Internacional, fez mestrado na França, doutorado na USP de São Paulo e pós-doutorado nos Estados Unidos

Estado Civil

Casado e tem filhos

Hobbies

Tênis, corrida e academia

Filosofia de vida

"É preciso ter de três a quatro prioridades para não perder o foco"

 Clivonei Roberto

À frente da principal entidade representativa do setor sucroenergético há pouco mais de três anos, Marcos Sawaya Jank tem trabalhado incansavelmente para alavancar o setor sucroenergético no cenário global.

Presidente da Unica (União da Indústria da Cana-de-açúcar), Jank tem uma trajetória de dedicação, que começou no interior paulista e ganhou corpo nos estudos que fez fora do Brasil. Nasceu em Ribeirão Preto, mas cresceu mesmo em São Carlos, onde desde cedo acompanhou o negócio da família na produção de leite.

Jank tem duas nacionalidades no sangue. O avô materno é filho de libaneses que vieram para o Brasil no começo do Século passado – daí o sobrenome Sawaya. Do lado paterno, herdou o sobrenome Jank, que é de origem alemã. O avô veio da Europa, especificamente de Munique, logo após a 1ª Guerra Mundial.

"Venho de uma família de produtores agrícolas. Meu pai e meu irmão são agrônomos e sempre vivi em fazenda." Por isso, optou por fazer Agronomia. Assim como vários outros profissionais do setor, Jank também é "esalqueano".

No início da graduação, acreditava que a vocação estava mesmo na agronomia, mas o tempo é inexorável. Acabou optando pelas áreas de Economia Agrícola e Comércio Internacional. Jank fez mestrado na França, doutorado em São Paulo e pós-doutorado nos Estados Unidos. "Segui uma carreira mais acadêmica no começo, com foco na questão da competitivi-



"Sigo a receita de sempre usar a tecnicidade em tudo. Fazer tudo com base no melhor conhecimento que se tem"

dade internacional, dos produtos brasileiros e a nova dinâmica do agronegócio." Pelo jeito, as raízes transnacionais falaram mais alto. É que quando terminou a faculdade, em meados dos anos 80, percebeu que haveria a internacionalização do agronegócio. "Resolvi estudar isso". Hoje Jank conhece os principais países agrícolas do mundo e fala cinco idiomas.

Depois de se especializar, voltou para a Esalq/USP (Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz" da Universidade de São Paulo), onde deu aula por 15 anos. Depois surgiu um desafio: mudar-se de um ritmo de vida mais tranquilo, no interior, para a correria de São Paulo. Foi transferido para a FEA/USP (Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo) da capital, onde ajudou a montar o curso de Economia Agroindustrial da universidade.

Antes de ingressar na Unica, trabalhou em algumas agências internacionais e formou um instituto, o Icone (Instituto de Estudos do Comércio e Negociações Internacionais), que era patrocinado pelas principais entidades do agronegócio. Chegou a ajudar a Unica a montar o *Global Sugar Alliance*, que é a aliança dos países exportadores de açúcar.

Com a saída de Eduardo Carvalho do comando da entidade, Jank foi considerado para ocupar o posto. O processo seletivo ocorreu por *Headhunter*. "Eu tinha um perfil mais técnico, mas com muita experiência internacional."

Porém, quando foi chamado para presidir à entidade, deparou-se com uma agenda muito diversificada e não apenas internacional. "A agenda doméstica é muito pesada." O caminho que adotou para lidar com questões tão variadas e complexas foi um esmero redobrado na formação do time. "Montamos uma equipe jovem e motivada, em que trouxemos profissionais gabaritados para se unir à equipe antiga. Hoje temos um trabalho muito forte e integrado. O sucesso da entidade depois de três anos se deve essencialmente à coordenação e ao grupo formado. Eu sou parte de uma equipe."

Ele também credita o trabalho que vem sendo feito à agenda moderna que foi adotada. "Também montamos escritórios fora do País, que são pioneiros." Hoje a Unica é a entidade brasileira com maior presença no exterior. "Não tem na área institucional uma empresa com tanta presença no exterior que outros setores."

Aos 47 anos, casado e com filhos pequenos, Jank tenta conciliar a rotina do trabalho à vida pessoal. "Tenho tentando administrar isso, porque não é fácil no setor." Quando chega ao escritório na segunda pela manhã, costuma brincar, perguntando à equipe: "Qual é a bomba da semana?" E completa: "Temos coisa nova toda semana, é um volume inacreditável. É um setor de muita emoção, muita volatilidade." Apesar de tantas demandas, é sempre preciso investir nas questões mais importantes. "Preciso de ter de três a quatro prioridades para não perder o foco."

E um dos focos que tem priorizado é não perder os finais de semana. "Procuro ficar sempre com meus filhos, com a minha família." Faz viagens curtas e, vez ou outra, vai para o interior. Também tem tentado manter uma rotina de esportista, praticando tênis e um pouco de corrida e academia. "Procuro fazer de três a quatro horas de esportes distribuídas ao longo do que é possível na semana."

Com uma rotina tão cheia, tão diferente do ambiente bucólico da fazenda do pai em São Carlos, é de se suspeitar que o dia-a-dia do setor tenha parcela de culpa nos cabelos brancos. Mesmo com uma agenda tão cheia, entremeada por visita a usinas, reuniões com associados, viagens internacionais, conseguimos encontrar uma brecha. A reportagem da Revista IDEANews foi até o escritório da Unica, no Jardim Paulistano, em São Paulo, conversar com o comandante de uma equipe de quase 50 profissionais. Foram quase duas horas de entrevista. Na pauta, um pouco da vida, do dia-a-dia, das conquistas e desafios da entidade e alguns temas mais ácidos, como vaidades, política e sucessão.

IDEANews: Como avalia os oito anos do governo Lula?

JANK: Houve muito crescimento desse setor. O Brasil, em oito anos, dobrou a quantidade de cana que antes tinha levado quase 500 anos para atingir. Aumentamos em 70% a produção de açúcar, mais que duplicamos no álcool. Fruto de alguns acertos da política pública e pela dinâmica empresarial. Nós mudamos nossas usinas, são mais eficientes. Temos avanços na área trabalhista, ambiental, internacional, na gestão, na governança. O zoneamento foi importante, os financiamentos pelo BNDES. Porém, mais importante do que as pessoas, são as instituições e as organizações, que hoje são mais sólidas.

IDEANews: Quais são as prioridades do setor?

JANK: A definição precisa das políticas que permitirão o crescimento do etanol na matriz energética brasileira, nas áreas regulatória, tributária, de estoques, de infraestrutura, na segurança jurídica. Percebemos ainda um emaranhado de agências e órgãos que nos regulam com visões contraditórias e muitas interpretações de lei que são complicadas em médio e longo prazos. Exemplo é a necessidade de resolver a questão da reserva legal, não podemos perder

áreas importantes de cana.

IDEANews: *Qual será o impacto do parecer da Advocacia-Geral da União (AGU) contra a compra de terras por estrangeiros na cadeia da cana-de-açúcar, principalmente tendo em conta que grupos internacionais estão adquirindo grupos nacionais e suas terras?*

JANK: Fomos surpreendidos por esse decreto, que dificulta a compra de terras por estrangeiros. Isso tem que ser revisto. Além de ser inconstitucional, precisamos de capital para fazer o agronegócio crescer, incluindo o capital externo. Ninguém vai comprar terra aqui para levar embora. Podemos até regular melhor, mas impedir o capital de entrar é besteira, porque esse capital vai gerar emprego, divisas, infraestrutura. Somos um País com falta de capital.

IDEANews: *No que concorda e no que discorda na mudança do Código Florestal Brasileiro proposta pelo deputado Aldo Rebelo?*

JANK: O Código éimensidão de coisas. Não temos problema com preservação das áreas de preservação permanente. Entendemos que elas têm de ser recuperadas e nosso setor tem sido exemplo disso. Já demarcamos 250 mil ha de APPs nas áreas de cana em SP e iniciamos a recuperação das áreas. Começamos a fazer a lição de casa. Mas o que pega mais é a reserva legal, é a obrigatoriedade de recompor 20% das áreas de cada propriedade com floresta. Entendemos que pegar áreas que hoje têm cana, e que antes tinham café, pasto etc, e recompor com floresta na mesma propriedade vai criar uma perda em SP de 3 a 4 milhões de ha de áreas agrícolas. Se considerar o conceito de microbacia, como não tem mais floresta suficiente, vai ter que tirar cana e por floresta. E isso será estupidez. Essas coisas têm de ser esclarecidas de uma vez porque trazem enorme insegurança jurídica em nível de propriedade.

IDEANews: *Em quem votou para presidente?*

JANK: Não quero declarar. O voto é secreto.

IDEANews: *O que ainda falta fazer para incrementarmos significativamente nossas exportações de etanol?*

JANK: O Brasil aumentou muito as exportações em 2006, quando os EUA tiveram problema com o MTBE, depois caiu em 2007. As exportações têm sido muito pequenas e voláteis. Isso ocorre muito em função de janelas de oportunidade. Às vezes, por crise climática, por preços baixos no Brasil, por uma possibilidade cambial. Hoje exportamos 70% do nosso açúcar. Somos 20% da produção mundial de açúcar e 50% do mercado mundial. No etanol, somos 30% da produção, mas nossa exportação representou em 2010 só 10% da nossa produção. Como ampliar essa porcentagem? Precisamos desse ciclo de crescimento. Isso será puxado por políticas públicas corretas, mas também por demandas consistentes no mundo. Acreditamos que ao longo dos próximos anos, a começar por 2011, vamos ter demanda crescente de etanol de cana do Brasil por causa da regulamentação de combustíveis de baixo carbono em diferentes lugares do mundo. A Califórnia, por exemplo, aprovou

o etanol de cana e reprovou o etanol de milho nessa regulamentação, o que abre uma possibilidade. É isso que traz uma Shell em parceria com a Cosan, trouxe a BP (*British Petroleum*) e vai trazer outras petrolíferas. Mas esse potencial da exportação não vai se realizar tão rapidamente por causa dos *lobbies*, que dificultam a venda de etanol. Conseguimos o reconhecimento que o etanol de cana é melhor que o de milho ou trigo. Sempre brinco que conseguimos o passaporte, mas não o visto.

IDEANews: *Por falar em infraestrutura, as obras do etanolduto não estão muito atrasadas?*

JANK: Na verdade, temos dois projetos: da PMCC e da Uniduto. Mas não tem lugar para vários etanoldutos. Vai ter que migrar para um bom alcoolduto. Eu diria que os atrasos vistos até aqui têm duas origens. Primeiro que realmente o processo regulatório é complicado. Contudo, tivemos uma crise financeira que deu uma breca. As exportações não se realizaram ainda. Tudo isso tornou esse processo mais lento do que se imaginava. Mas não vamos conseguir exportar 40% do nosso etanol se não tiver nova estrutura, que também pode ser hidrovia, ferrovia. Sobre unir projetos, estão havendo debates, mas não é assunto que tem a ver com a Unica.

IDEANews: *No que a concentração de usinas em grupos muito grandes, alguns multinacionais, influencia o jogo de forças e decisões da Unica?*

JANK: A consolidação que está acontecendo pode ser uma consequência do processo de concentração. O setor ainda é muito fragmentado. O Grupo Cosan, por exemplo, tem 10% da cana no Brasil e é muito grande. Ainda temos 438 usinas nas mãos de 150 grupos. Sabemos nem direito quantos são. Acho que a consolidação é importante para que o setor tenha estrutura de capital mais sólida. Se essa consolidação fizer empresas mais sólidas, com capacidade de enfrentar os imensos custos de condução de uma safra, de formação de estoques, custos de logística, isso será muito positivo para o setor. Da mesma forma que também existem mudanças nas áreas de gestão e governança que também são importantes. De três anos pra cá, o nosso conselho mudou muito. Vemos a entrada de grupos das áreas petrolífera, elétrica, grandes *tradings*, de grandes empresas do agronegócio. Está mudando muito no sentido de ter um setor ainda mais forte. O que houve até aqui foi um rearranjo societário e organizacional, mas ainda estamos devendo um grande ciclo de crescimento, o qual depende de política pública.

IDEANews: *O senhor tem formação técnica. Mas para ocupar a presidência da Unica, transitar entre as diferentes esferas públicas e privadas, não faz falta uma maior experiência política?*

JANK: Tenho uma formação técnica, acadêmica. Publiquei inúmeros trabalhos. Sempre baseei minha carreira na aquisição de conhecimento, de debates. Escrevi muito tempo para o Jornal O Estado de São Paulo. Ao assumir a Unica deixei minhas atividades

anteriores e assumi uma função política, mas sigo a receita de sempre usar a tecnicidade em tudo. Fazer tudo com base no melhor conhecimento que se tem. Temos que mostrar por que o etanol tem que crescer na matriz energética, quais são os benefícios sociais, de saúde pública que vem junto do etanol. Existem, dentro do tecido de associados da entidade, diferentes grupos com diferentes situações financeiras e societárias, diferentes expectativas, e temos que buscar o melhor consenso, a visão comum. Essa tarefa exige conversa, diálogo. É a mesma forma que se desenha políticas públicas. Estou hoje numa carreira política, que exige muita coordenação interna e externa, mas conduzo isso através de uma equipe técnica muito sólida. E como tudo que envolve gente, temos que estar sempre conversando, buscando a melhor solução. Nenhuma entidade sobrevive sem consenso, que é o que procuramos construir o tempo todo.

IDEANews: *Quando de sua escolha para presidir a Unica, seu nome não foi uma unanimidade. Ainda hoje há diversas associadas que veem sua gestão como sendo mais heterodoxa e até acadêmica, voltada às questões de longo prazo, colocando em segundo plano as questões do dia a dia das associadas, como o abuso das vistorias da NR 31 nas usinas. O que pensa a respeito?*

JANK: Não penso, mostro o que fizemos. Todos os associados hoje, seja pelo site, pelos relatórios anuais, pela presença na mídia, podem ver o que está sendo feito. Não tenho recebido críticas diretamente, mas acho que não preciso defender nada. O que a Unica tem feito está muito transparente. Tenho procurado é me aproximar mais dos associados que não fazem parte do conselho. Uma vez por mês saio dois dias para visitar os associados. Para mim, estas visitas têm sido muito mais do que falar do que a Unica tem feito, mas têm sido momento de ouvir, conhecer o que cada associado fez na sua empresa. Alguns até diziam, quando comecei, que teria dificuldade com as diferenças entre os usineiros. Não acho. É um setor que mostrou unicidade ao criar a Unica, que é exemplo para outros setores. O próprio Consecana é exemplo. Nosso trabalho em comunicação é forte. Nossa postura motivou muitas usinas a criarem suas áreas de comunicação e de sustentabilidade. Nesse ano, teremos de 35 a 40 relatórios GRI no setor. Em um setor que antes tinha medo de contar o que fazia, hoje os principais grupos desenvolvem um relatório de sustentabilidade bilíngue, padrão GRI, que poucas empresas no Brasil fazem. De entidade, só a Unica faz. Saímos na frente em muitas coisas. De fato, a intenção é heterodoxa, mas é agenda que não perde o pé na representação. Todo assunto relevante, que nosso conselho decide que temos de agir, nós agimos procurando a melhor técnica possível.



“Hoje se percebe que as empresas que investiram em governança corporativa estão claramente melhores do que as que não fizeram”

IDEANews: *Os empresários do setor sucroenergético são conhecidos pela fama de dificilmente aceitarem um líder, principalmente um não-usineiro. Como conseguiu conquistá-los? E como evitar os problemas advindos da fogueira de vaidades deste meio?*

JANK: Foi tomada a decisão de que a Unica teria de ser conduzida por profissional de mercado, sem conflito de interesses na entidade. Isso foi passo muito significativo em relação a outras entidades que ainda são comandadas por líder de empresa específica. Deu passo na profissionalização, não só na minha contratação, mas de toda a equipe. Essa é uma das razões do sucesso.

Hoje temos em diversas áreas demanda *full time* para mais de 50 pessoas e nos nossos cinco escritórios [São Paulo, Ribeirão Preto, Brasília, EUA e Europa]. Mas isso não foi decisão minha. Fui contratado nesse modelo. Só pude trabalhar nessa filosofia porque anteriormente teve o Eduardo Carvalho à frente da entidade que criou as bases para o que a Unica é hoje.

IDEANews: *Há duas classes de empresários no Brasil com uma imagem muito ruim frente à população: os banqueiros e os usineiros. Há décadas que a Febraban investe altas somas para buscar melhorar a imagem de seus associados, com resultados pouco visíveis. Por que com a Unica estes esforços que se iniciaram na sua gestão serão mais bem-sucedidos?*

JANK: Já deixou de ser usineiro e virou empresário do setor. É muito fácil saber o que fazemos, acompanhando pela mídia. Hoje temos equipe que lida com comunicação em todos os níveis. Exemplo é o Projeto Agora, maior iniciativa institucional do agronegócio atualmente, o qual tem nove sindicatos e dez empresas. Em breve teremos mais duas. Mas a coisa mais importante da comunicação é que existam elementos concretos por trás. Estamos comunicando mudanças reais. Acho que as práticas não só avançaram, mas também havia poucas informações. Se comparamos o que o setor era dez anos atrás, hoje é mais moderno. Mas também tínhamos medo de nos comunicar. Lá atrás o usineiro ficava recluso quando recebia uma acusação, procurava não falar e existia aquele estigma de que a cana foi a primeira atividade econômica do País, ligada às capitania hereditárias, à escravidão. Mas a melhor coisa para alguém que está falando mal do setor, escreveu algo ruim, é mostrar o setor, levá-lo a visitar uma usina. Abrimos o setor. No ano passado, as empresas receberam 168 delegações de vários países pela Unica. E decidimos comunicar rápido. Se alguém lá fora fala alguma besteira e se nós não respondemos, acaba virando verdade. Aqui na Unica, se sabemos de algo, damos uma resposta imediata. Essa política proativa de comunicação foi algo que fortalecemos nos últimos três anos.

IDEANews: Qual sua visão da evolução da Governança Corporativa nas usinas daqui para frente?

JANK: Não tenho dúvida que isso está acontecendo. A consolidação implica em melhorar a governança corporativa. Hoje se percebe que as empresas que investiram em governança estão claramente melhores do que as que não fizeram. Isso tem a ver com questão societária, gerencial, de prestação de contas etc. As que empurram esse problema para debaixo do tapete são empresas que em longo prazo estão condenadas. Mas o nosso setor está mudando de cara.

IDEANews: Falou que a Unica está em processo de profissionalização. Por que a Unica não implanta algumas boas práticas de governança ainda não usuais dentre as suas associadas? Gostaria de saber sua opinião sobre algumas delas.

- Ter maioria de conselheiros independentes nos seus conselhos Deliberativo e Fiscal.

JANK: Hoje temos um conselho formado por 24 membros e a presença deles é de acordo com a sua produção de cana. Procuramos formar chapa que traga a representatividade das várias regiões e várias empresas. Essas chapas procuram representar a quantidade de cana específica que os conselheiros representam. Cada um que chega ao conselho pode representar a cana dele mesmo ou de um grupo de produtores. Esse modelo é anterior à minha chegada.

- Publicação da remuneração de seus administradores e de seus balanços auditados.

JANK: Os balanços são auditados. A remuneração da diretoria não é auditada.

- Existência de um Comitê de Auditoria.

JANK: Todos os nossos programas são auditados e por empresas de primeira linha.

- Existência e publicação de um Código de Conduta para seus profissionais.

JANK: Sobre código de conduta, nós já fizemos um código publicado no nosso site que tem sido seguido por toda a equipe da Unica. Fazemos nosso relatório de sustentabilidade GRI e somos inovadores nessa questão.

IDEANews: O senhor teria tranquilidade de dizer qual é a sua remuneração?

JANK: Não, prefiro não dizer.

IDEANews: Por que a Unica ainda não conseguiu ser a única representação em nível federal de todas as usinas do Brasil, já que é a maior e mais influente entidade?

JANK: Acho que esse debate continua a acontecer. Espero que um dia exista uma grande entidade nacional e que de fato tenha representantes em todos os estados e no exterior. A Unica de certa for-

ma se tornou uma entidade nacional pelo tamanho que tem, pela equipe e porque temos associados em vários estados, não apenas em São Paulo. E temos representação internacional. Somos a única entidade de todas as que existem com efetiva representação no exterior. Então começamos a discutir com outras entidades forma de chegarmos a denominador comum, o que chamamos de coordenação Centro-Sul. Pegamos inicialmente entidades do PR, MG, GO e MS e iniciamos conversas para chegar a um modelo que, nos assuntos que forem nacionais, possamos dividir a conta. Cada entidade continua no seu estado, mas a ideia é que nos ligássemos a uma associação Centro-Sul que dividiria as ações de âmbito nacional e internacional. Essa conversa está avançando. Acho que isso vai acabar acontecendo, cedo ou tarde.

IDEANews: Prevê um prazo para o término do seu mandato na Unica? Se sim, já está preparando seu sucessor?

JANK: O presidente de uma entidade como a Unica mantém uma relação essencialmente de confiança que se estabelece com a equipe, com os associados, com o público externo. Até aqui tenho tido meu mandato renovado junto com o conselho. Entidade não pode em hipótese alguma sobreviver por conta de seu presidente. Se amanhã ou depois eu decidir mudar de caminho, ou os associados quiserem outra pessoa com outro perfil, isso é natural e faz parte da vida.

IDEANews: Durante seu mandato até agora, quais foram os pontos negativos e em que a Unica tem que evoluir?

JANK: [Um suspiro antes de começar a responder] Acho que tem tanta coisa que dá para evoluir mais, é até difícil de falar. Podemos fazer mais em sustentabilidade. O nosso setor é de baixo carbono, é exemplo concreto da economia do século XXI, da inovação, e isso tem que ser dito ainda mais. Vejo a importância do projeto Renovação, do protocolo Agroambiental. Não consigo ver a continuidade da queimada, até porque temos que usar a palha e acabar com a fumaça e a fuligem. A entidade tem que encontrar formas de avançar em tudo que estiver relacionado à sustentabilidade. Precisa estar em todos os debates deste tipo, como sobre a eficiência das caldeiras, a água. Também acho que temos de melhorar mais na comunicação.

IDEANews: É correto dizer que a gestão da água, depois da mecanização, é o próximo grande desafio do setor?

JANK: Acho que é sim. Os temas vão mudando. Acho que o grande tema que está chegando é a água e já estamos conversando. Nosso setor tem que ter no DNA a sustentabilidade. Essa questão climática é o nosso futuro. Temos que estar à frente disso. A própria votação da candidata Marina Silva mostra que a sustentabilidade chegou às eleições e é convergente com muita coisa que temos aqui. Água é somente mais um dentre outros temas em um planeta que começa a lidar com a escassez.

IDEANews: Acredita que o aparelhamento político-partidário

que ocorreu no Itamarati nos últimos anos no Governo Lula influenciou na busca por novos mercados para o etanol e o açúcar brasileiro?

JANK: Não quero falar em aparelhamento. Quero dizer que o Brasil fez poucos acordos. Se de um lado houve certa orientação da política para o Terceiro Mundo, já não concordo com a aproximação com o Irã. Se estamos hoje negociando a abertura do etanol nos EUA, que é o maior consumidor, tem que haver aliança no etanol com eles. Mas se há aproximação com Irã, isso afeta nossa ação em Washington. Outra coisa é a Rodada de Doha travada e o Brasil é um dos culpados. A Alca foi enterrada e era um belo projeto. A negociação com a Europa não anda. Com o Mercosul também não anda. Até hoje o açúcar não faz parte do Mercosul. Ele tem regime especial e não entra no Mercosul. Já em etanol nem se fala. Na área dos acordos de política de comércio internacional, poderíamos ter feito mais. O que o Brasil tem sido é bom exemplo, pelas reformas, pela democracia, pela estabilidade. No próprio etanol, que é um programa que só existe nessa dimensão no Brasil, mas que pode ser reproduzido no mundo, em países ricos e pobres. E o ex-presidente Lula colocou o etanol na pauta.

IDEANews: *Quais são os principais desafios da indústria da cana nos próximos dez anos?*

JANK: Diria que são realizar o imenso potencial que ela tem. Diria que é uma revolução muito importante. A agroenergia, a possibilidade de fazer produtos de baixo carbono a partir da agricultura, tanto no mundo da eletricidade, dos plásticos, dos alimentos. É muito amplo. Podemos ter uma indústria muito forte, mas temos que realizá-la. Para isso, precisamos ter políticas públicas em ordem, uma reorganização do setor. Precisamos ter condições para que o etanol na matriz energética cresça. Como compatibilizar essa demanda potencial com o crescimento regular do setor? Precisa ter política pública nas áreas de estocagem, tributária, de infraestrutura, de pesquisa e tecnologia. Esse pacote de políticas vamos ter que discutir com o governo. Encontrar meios para que, apesar de o Brasil se tornar um grande exportador de petróleo, a matriz energética continue um exemplo de matriz limpa, de energias alternativas. Qual é a garantia que esse mercado vai crescer? Precisamos de políticas públicas sensatas que leve o Brasil para ser o que é, uma economia de baixo carbono. E não tem hoje no agronegócio nenhum outro setor tão bem posicionado para se colocar como solução na busca por energias alternativas e por produtos de baixo carbono quanto o nosso.

IDEANews: *Qual é a grande lição que tira dos pouco mais de três anos à frente da Unica?*

JANK: A lição que tiro diz respeito à revolução tecnológica que o setor atravessa. É das coisas mais magníficas que já vi na minha vida e fico feliz por ver de perto. A Unica me permitiu um posto de observação, com minha formação acadêmica, de estar numa entidade em que as coisas da tecnologia mudam muito rapidamente. A mudança societária é consequência de uma longa história da cana



“Mais importante do que as pessoas, são as instituições e as organizações”

da energia. Vivemos com a cana utilizada para o açúcar durante 500 anos. Mas de 30 anos pra cá entramos no mundo energético. Mas agora entramos no momento da chegada dos combustíveis do baixo carbono, da eletricidade do baixo carbono, dos bioplásticos, dos hidrocarbonetos, das novas variedades, da mecanização. Poder assistir tudo isso é uma maravilha. É mais gratificante do que eu pensava. A relação com os usineiros está mudando. A Unica hoje é das entidades que dá mais prazer de se trabalhar. Foi grata surpresa. Quando cheguei, algumas pessoas disseram: “você vai entrar em negócio complicado, tem os problemas familiares, de imagem; por que vai deixar sua carreira acadêmica e sua isenção acadêmica e se entregar para um só setor?” Mas acho que esse tecido empresarial está mudando e a Unica tem sido bom exemplo de como deve funcionar uma associação de interesse privado. No entanto, onde tem sido mais difícil pra mim é nas políticas públicas, porque existe muita inconsistência. Aos 20 anos de USP, estava querendo buscar novo caminho, novo desafio, e nunca pensei que fosse numa associação de interesse privado, mas talvez numa consultoria. Fui até convidado a fazer parte dos quadros do BID (Banco Interamericano de Desenvolvimento). Aí surgiu o Icone e de lá vim pra Unica. Alguns dizem que é porque gosto de proparoxítona. Mas é porque a Unica é entidade muito interessante, é única mesmo.

IDEANews: *Mas qual é a parcela de culpa da Unica nesses cabelos brancos?*

JANK: Quando cheguei aqui, chegou um momento em que estava exagerando mesmo na demanda, na quantidade de trabalho. Preocupação com um eterno apagar de incêndios. Chegou fase em que estava estressado pela quantidade de coisas. Assim, fica até difícil desconectar à noite, mas acabei retomando o que é importante na vida: conseguir equilíbrio entre lazer, trabalho e família. Ao conseguir isso, fica mais fácil administrar. O mais gratificante mesmo é ter equipe com a qualidade que tenho. Isso me deixa mais tranquilo. Mas os cabelos brancos acontecem quando o tempo passa [risos]. ■

